

# PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO NO PROGRAMA “SUPERNANNY”: PRÁTICAS DISCURSIVAS UTILIZADAS PELO PROGRAMA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO.

**Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago**

Universidade Federal de Goiás  
lurdinhapaniago@terra.com.br

**Aline Conceição da Costa**

Universidade Federal de Goiás – Bolsista PIBIC / CNPq  
[aline-88@hotmail.com](mailto:aline-88@hotmail.com)

## PALAVRAS-CHAVE

Práticas de subjetivação, Sujeito, Poder.

## INTRODUÇÃO.

Acreditamos que falar sobre práticas de subjetivação em contexto midiático, e todos os recursos utilizados para a subversão do sujeito neste momento histórico é fundamental porque, concordando com Foucault (2001d, p. 75-76), julgamos que designar um foco particular de poder, denunciá-lo, falar publicamente dele representa uma luta, não porque ninguém antes tenha tido consciência disso, mas porque falar – “forçar a rede de informação institucional, nomear, dizer quem fez, o que fez, designar o alvo” – é o primeiro passo que se dá em direção a novos combates contra o poder.

Buscamos compreender esse processo de subjetivação não a partir da simples incursão em grandes edifícios teóricos que, ao longo dos anos, foram sendo construídos, nem sempre sobre os mesmos pilares. Acreditamos, ao invés disso, que devemos partir dos discursos lá onde se fazem práticas cotidianas, porque compartilhamos com Rose, a idéia de que

[...] na genealogia da subjetivação, o lugar de honra não é ocupado pelos filósofos que refletem, em seus estudos, sobre a natureza da pessoa, a vontade, a consciência, a moralidade e coisas semelhantes, mas, em vez disso, pelas práticas cotidianas nas quais a conduta tornou-se problemática para outros ou para si próprio, bem como pelos textos e programas mundanos que buscam tornar esses problemas inteligíveis e, ao mesmo tempo, administráveis. (ROSE, 2001, p. 37).

Escolhemos a Análise do Discurso de Linha Francesa, derivada dos escritos de Michel Pêcheux para embasamento teórico-metodológico deste trabalho, que teve como principal objetivo investigar práticas discursivas de subjetivação utilizadas pelo programa Supernanny, e como esse programa se apresenta de forma disfarçada, e até mascarada na formação de um sujeito pré-estabelecido, que segue normas e modelos que direcionam sua subjetivação.

Propomo-nos, desta forma, problematizar sobre o papel disciplinador da mídia nos tempos pós-modernos em que vivemos.

A hipótese básica que sustenta esse trabalho é que a mídia constrói um tipo bem determinado de sujeito, de acordo com a vontade de verdade do contexto histórico, a qual é determinada pela relação, sempre muito complexa, entre saber e poder.

Mas, tal como proposto por Rose, este trabalho não se preocupou em analisar a “construção social ou histórica da pessoa” ou a “narração do nascimento da auto-identidade moderna”, porque consideramos que o indivíduo não é só “uma entidade com uma história”; mas sim

O alvo de uma multiplicidade de tipos de trabalho, é mais como uma latitude ou uma longitude na qual diferentes vetores, de diferentes intensidades, se cortam. A “interioridade” que tantos sentem-se compelidos a diagnosticar não é aquela de um sistema psicológico, mas a de uma superfície descontínua, de uma espécie de dobramento, para dentro, da exterioridade. (ROSE, 2001, p. 49).

No mesmo trabalho, Rose esclarece que o que é dobrado é tudo aquilo que pode adquirir o estatuto de autoridade,

[...] injunções, conselhos, técnicas, pequenos hábitos de pensamento e emoção, uma série de rotinas e normas do ser humano – os instrumentos por meio dos quais o ser humano constitui a si próprio em diferentes práticas e relações. (ROSE, 2001, p. 51).

Nosso olhar voltou-se justamente para o que a mídia está fazendo com que se dobre para o interior do sujeito a fim de constituí-lo, ou seja, nosso objetivo foi, essencialmente, compreender a diversidade de estratégias que tem sido utilizada como práticas de subjetivação pelo programa “Supernanny”. Para Foucault o sujeito é sempre o resultado de uma prática, ou seja, o sujeito é sempre fabricado. Neste sentido a mídia e o programa em questão funcionam como um dispositivo encarregado de fabricar um tipo bem determinado de indivíduo.

## **OBJETIVOS**

Investigar práticas discursivas de subjetivação no programa “Supernanny”, e de que forma o programa utiliza essas práticas discursivas para criar um sujeito moldado em determinados padrões e modelos. As contribuições de Foucault para a AD são muitas, principalmente nas segunda e terceira épocas (PÊCHEUX, 1997), sobretudo porque esse filósofo francês sempre elegeu o sujeito como principal foco de suas investigações. É justamente isso que justifica a escolha desse filósofo francês como principal sustentáculo deste trabalho de pesquisa, cujo objetivo é investigar as práticas de subjetivação em contexto midiático. Não temo por interesse realizar nenhum juízo de valor sobre o programa analisado em questão, pois pensamos que qualquer juízo por nós emitido teria efeito no andamento da análise, prejudicando o trabalho científico.

## **METODOLOGIA**

Como o objetivo deste trabalho foi investigar o papel que a linguagem exerce como elemento de constituição da realidade, considerando, em companhia de Foucault, que as subjetividades são também resultados de operações discursivas, após criteriosa pesquisa bibliográfica, analisamos os discursos que o programa “SuperNanny” utiliza e que são veiculados na mídia com o objetivo de fabricar um tipo bem determinado de sujeito.

Os temas estudados foram objeto de debates durante os encontros regulares promovidos pelo TEIA – Grupo Multidisciplinar de Estudo em Análise do Discurso de Jataí.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O programa Supernanny é exibido pela rede televisiva SBT, aos sábados às 19h30minh e esta no seu 3º ano no ar, compreendendo a sua 6ª temporada. Realizamos a análise de um grande número de programas, para que pudéssemos traçar um perfil confiável do mesmo, e para que pudéssemos apreender o máximo possível dos discursos que nele são produzidos e divulgados. Supernanny é apresentado pela educadora Cris Poli, que é uma argentina radicada no Brasil há muitos anos. O programa se divide em uma estrutura básica, em sete etapas distintas; “A chegada”, Supernanny se direciona para a casa da família escolhida para o programa, analisando em seu carro o dvd com as imagens da família, tecendo comentários e realizando um diálogo com os telespectadores a respeito daquilo que assiste. “A Supernanny Observa” ao chegar na residência, ela se apresenta a família e diz que ficará observando a rotina deles, e que não interferirá em nada, ao mesmo tempo que pede que eles ajam normalmente, que não notem sua presença. “Hora da Verdade” é o momento de confronto com os pais, após observar a família, ela aponta aquilo que deve ser mudado na postura dos pais em relação aos filhos e a dinâmica da família em uma conversa cara a cara com os dois. “Supernanny Arregaça as mangas, neste momento ela leva para a família a nova rotina, apresenta os métodos que serão utilizados para disciplinar as crianças, os castigos e os prêmios que estes receberão e as novas regras que terão que obedecer. “Supernanny dá um tempo” é um momento em que ela se ausenta da casa por uma semana, para ver se os pais conseguem aplicar os métodos na ausência dela e manter a organização da casa. “Supernanny volta” após assistir tudo o que se passou nesta semana sem ela, ocorre uma conversa com os pais apontado aquilo que eles fizeram certo e aquilo onde eles erraram, e, “Supernanny vai embora” aqui sua missão foi cumprida, ela se despede de vez da família seu trabalho de orientação com a família chega ao fim, momento de despedida dela e da equipe do programa.. É importante ressaltar que estes passos são marcados na edição do programa de forma discursiva, mostrando para o telespectador cada novo passo dado pela supernanny.

### **O PODER NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**

Uma das questões que nos guiou neste trabalho foi a de que relações podem ser apontadas entre as teorias foucaultianas e as práticas de subjetivação da mídia?. E foi a partir desta indagação que seguimos para a análise dos programas assim como para a escrita deste artigo. Realizamos um imbricamento da teoria foucaultiana com a materialidade (frases, palavras, expressões) que retiramos dos programas por nós assistidos.

Um dos conceitos mais trabalhados pelo filósofo francês Michel Foucault, foi o do poder. O filósofo rompe com muitas tradições ao formular este conceito, para ele o poder não era algo meramente e unicamente negativo, como afirmavam tantos outros, e como até hoje muito de nós pensamos. O poder para Foucault produz, é também positivo, pensemos então, para ele toda a sociedade está pautada sobre as relações de poder, e durante séculos esta sociedade ocidental se manteve, passou revoluções, viu grandes inventos, presenciou e foi autora de feitos, ora, se esta sociedade produziu tanto é por que o poder nos guia a produzir e não só a destruir ou a refrear. Não confundamos a noção foucaultiana de poder, com uma visão simplista de violência ou submissão. O poder “incita, suscita, produz; ele não é simplesmente orelha e olho; ele faz agir e falar” (FOUCAULT, 2003, p.220).

Além do que, para este filósofo e pensador o poder não é algo que se possa possuir, não é um bem, que se possa negociar, ou torna-se detentor. Logo em nossa sociedade não existe separação entre aqueles que possuem o poder, e aqueles que não possuem, então não existem os beneficiários e os renegados do poder. No entanto, o poder sempre é exercido em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro (FOUCAULT, 2001, p. 75). É justamente esta visão que nos possibilita trabalhar com os conceitos foucaultianos nessa empreitada com o programa Supernanny, pois nos propomos a analisar as práticas de subjetivação, de que forma a mídia direciona os telespectadores, mais analisamos também as formas de resistência que os filhos manifestam em relação aos pais, o poder sendo exercido em relações bilaterais, filhos-pais, supernanny-pais, pais-supernanny, ou seja, embora não haja um titular, um dono do poder, o poder é exercido sempre em determinado sentido, não necessariamente de cima para baixo. O poder, em outras palavras, não se possui, o poder se exerce ou se pratica. O que encontramos na materialidade retirada dos programas são frases como: “Vou **ensinar** vocês a como educar os filhos”(Supernanny), Autoritarismo e autoridade são coisas diferentes, seus filhos não te obedecerão se tiverem medo de você.”(Supernanny), “ Os pais não tem controle sobre os filhos, e não sabem educá-los ,\_em todas estas frases, fragmentos ditos pela educadora Cris Poli, vemos bem marcados os conceitos foucaultianos, de um poder que é exercido em nome da disciplina familiar, da demarcação entre violência e poder. A violência é apenas um meio de coerção sobre o corpo físico, sobre a matéria humana, o poder como já apontava Foucault se exerce no corpo e na alma, deixa suas marcas na conduta do indivíduo, e é isso que Supernanny evidencia em todos os seus problemas, violência não traz disciplina para os filhos, apenas um estágio passageiro de submissão e medo. Notamos nestas falas também a posição em que Supernanny se coloca perante a família, posição esta que a própria família assegura, ao se deixarem guiar por esta personagem.

Ao falarmos de condutas guiadas, temos que trabalhar também com o conceito foucaultiano de governamentalidade. Foucault pergunta-se qual é o traço distintivo do poder, e chega à conclusão de que o poder é um tipo bem particular de relação entre indivíduos ou grupos. O traço distintivo seria então a capacidade que

têm alguns de determinar inteiramente a conduta de outros, mas nunca de forma “exaustiva ou coercitiva” (FOUCAULT, 2003a, p. 384). A governamentalidade seria uma ação sobre a ação do outro, seria agir em um campo de indivíduos livres, e direcioná-los a determinados caminhos, estes sujeitos porém acabam se convencendo de que estão sendo guiados apenas por suas próprias vontades e desejos. Ou como o próprio filósofo nos esclarece,

Um homem acorrentado e espancado é submetido à força que se exerce sobre ele. Não ao poder. Mas se se pode levá-lo a falar, quando seu último recurso poderia ter sido o de segurar sua língua, preferindo a morte, é porque o impelimos a comportar-se de uma certa maneira. Sua liberdade foi sujeitada ao poder. Ele foi submetido ao governo. (FOUCAULT, 2003, p. 384).

Na estrutura do programa Supernanny notamos que este se apresenta como um manual de condutas, como um modelo de regras e normas para uma família perfeita, o programa age sobre a ação dos pais e de toda a dinâmica familiar, estes enquanto isso, se sentem felizes pela “escolha” que fizeram, se convencem que participar do programa foi a melhor decisão que tomaram. Este fato é evidenciado nas falas dos pais que passaram pela experiência, “Supernanny **salvou** a nossa família, somos muito felizes hoje graças a ela(mãe)”, “Hoje **sabemos** o que é ter uma família de verdade, Obrigada Supernanny(pai)”. Fischer já apontava que :

estou falando em modos de existência narrados através de sons e imagens que, a meu ver, tem uma participação significativa na vida das pessoas, uma vez que de algum modo pautam, orientam, interpelam o cotidiano de milhões de cidadãos brasileiros -ou seja, participam da produção de sua identidade individual e cultural e operam sobre a constituição de sua subjetividade.(FISCHER, 2006,P.16)

utilizo agora uma frase que teve um grande numero de repetições em vários programas, onde vários participantes utilizaram dela, “Eu estava **precisando** ouvir algumas verdades para que pudesse **acordar**.”(Mãe). Esta participante, assim como vários outros que disseram a mesma coisa, nos ilustra de que forma este programa utiliza da governamentalidade em sua estrutura. A cada instante os participantes ressaltam perante as câmeras o quanto estão felizes e satisfeitos pela “decisão” que tomaram, e o quanto esta decisão os ajudou. Cria-se a ilusão de que tudo que acontece em frente às câmeras, de que todo o programa só existe porque as pessoas realmente precisam dele. Cria-se uma rede para justificar e reafirmar a necessidade do programa. Utilizamos aqui a um conceito formulado por Fischer quando utilizamos a mídia como corpus de estudo, o de dispositivo pedagógico da mídia:

Descrevo o dispositivo pedagógico da mídia como um aparato discursivo (já que nele se produzem saberes, discursos) e ao mesmo tempo não discursivo (uma vez que está em jogo nesse aparato uma complexa trama de práticas, de produzir, veicular e consumir TV, rádio, revistas, jornais, numa determinada sociedade e num certo cenário social e político), a partir do qual haveria uma incitação ao discurso sobre “si mesmo”, à revelação permanente de si; tais práticas vêm acompanhadas de uma produção e veiculação de saberes sobre os próprios sujeitos e seus modos confessados e aprendidos de ser e estar na cultura em que vivem. Certamente, há de se considerar ainda o simultâneo reforço de controles e igualmente de resistências, em acordo com determinadas estratégias de poder e saber, e que estão vivos,

É importante trabalhar também com a posição sujeito criada em torno da apresentadora e educadora. Cris Poli, apresenta programas, publica livros, dá entrevistas, passa credibilidade e confiança aos pais. Os discursos por ela trabalhados ganham ares de científicos, de verdadeiros. Ela se coloca em um papel superior a família, e ao mesmo tempo, a família também à coloca neste lugar. Em varias frases ela diz, que “Eu **preciso** ajudar essa família”(supernanny),aparecendo como a detentora do saber, exercendo poder sobre os pais, sobre os filhos, mudando toda a rotina da casa. Outra posição sujeito muito trabalhada pelo programa é a de Mãe. Em todos os programas Supernanny reaparece afirmando a importância da mãe para o bom funcionamento familiar, para o bom desenvolvimento dos filhos. A boa mãe é sempre um ideal perseguido pelo programa. Esta mãe deve arcar com as responsabilidades da casa, do cuidado com os filhos, em ter um bom relacionamento com o marido, em não deixar nada interferir na felicidade familiar. Uma serie de normas e de regras que esta mãe deve seguir para alcançar a felicidade, para que sua família se enquadre no velho modelo de família feliz. Em um dos programas Supernanny chega a levar fitinhas com os dizeres “Eu pertenço a uma família feliz” para que os familiares amarrassem nos pulsos, levassem consigo aquele emblema de felicidade. Como se não bastasse apenas se sentir feliz, mais se precisasse mostrar aos outros, deixar visível sua posição sujeito feliz na sociedade.

Um dos momentos mais interessantes do programa é o “Hora da Verdade”, que acontece após a observação que a apresentadora faz na família, sem interferir na sua rotina, neste momento os pais “confessam” para as câmeras e para a apresentadora seus dilemas familiares, os motivos que os levaram a pedir ajuda a supernanny. Este momento na maioria das vezes encontra como desfecho um pedido de socorro dos pais à apresentadora. A confissão que antes era reservada aos padres, ou ao sistema judiciário é agora utilizada como critério de seleção, melhor dizendo, aqueles que se confessarem mais pecadores ou mais culpados são escolhidos para a salvação via tratamento Supernanny. Em A vontade de saber, Foucault mostra como, por meio da expansão dos dispositivos científicos, o indivíduo transformou-se em um objeto de conhecimento para si e para os outros, e, para isso, precisava falar a verdade sobre si mesmo num movimento que é, ao mesmo tempo, conhecer-se e ser conhecido. Através da confissão, o indivíduo tornou-se capaz de aprender a operar transformações em si mesmo. Os mecanismos de confissão ligam assim o discurso científico às tecnologias do eu. A confissão é um dos muitos mecanismo utilizados pelo programa Supernanny para moldar o sujeito, para subjetiva-lo e guia-lo. Percebemos a utilização deste mecanismo de subjetivação antes mesmo do programa ir ao ar, basta olharmos no site a ficha de inscrição para o programa. Nesta ficha os pais devem explicar os motivos que os fazem merecer participar do programa, devem confessar seus problemas de indisciplinas, sua má organização familiar, seu desagrado total com a família, ou seja, confessar-se por inteiro para ser dignos de participar do programa.

Toda a essa rede discursiva produzida pelo programa supernanny se apresenta a serviço da transformação do corpo do sujeito em dócil e útil (expressões do próprio Foucault), esta a serviço da subjetivação, do assujeitamento destes corpos, criam-se moldes que devem ser seguidos. Todo o programa gira em torna

de “Uma família feliz”, da necessidade de se encaixarem nos moldes bem vistos socialmente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossa sociedade, o poder se encontra dissipado em toda a rede social. Não existe mais um rei central, demarcado para qual os súditos se reverenciem, ou uma estrutura única e forte que guie os indivíduos, o Estado já não ocupa este lugar. Vivemos hoje na sociedade de controle, onde o poder esta infiltrado, mascarado, o lema se tornou quanto menos visível, mais eficiente. Basta lembrarmos da maquina panóptica inventada por Bentham como modelo de prisão. No Panóptico de Bentham, cada cela tinha duas janelas, uma para o exterior da prisão, outra para o interior, voltada para a torre central; a luz atravessava totalmente a cela de forma que o menor movimento do preso poderia ser identificado pela pessoa que estivesse na torre; o inspetor, ao contrário, ficava totalmente invisível atrás dos grandes muros da torre. O sujeito não se preocupava somente com governar o outro, mais sim com governar-se a si próprio. O poder dissipado, invisível guia o individuo a se assujeitar-se, a governar-se, agora são os dominados que se mostram, o súditos, e não mais os reis. É inegável que a mídia se caracteriza hoje como um dos mecanismos a serviço das praticas do poder, para subjetivarem o individuo, para moldar esse sujeito da forma mais cômoda, para torná-lo como já dissemos acima, dócil e útil. Neste trabalho não tivemos a intenção de julgar o programa, ou de criar aqui algum juízo de valor a respeito deste. Interessamos-nos nos mecanismos de subjetivação utilizados pelo programa para subjetivar os sujeitos, bem como pelos discursos que são produzidos por estes no processo de assujeitamento dos indivíduos. O trabalho então foi realizado, não encerrando por completo nossos questionamentos acerca do assunto, pelo contrario abrindo novas frentes de trabalho, novas indagações que nos motivam a continuar pelo caminho de pesquisa.

Pensar a mídia como mecanismo de controle é ter em mente o que já disse Fischer:

[...]defendo a tese de que a Tv, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual especifica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas-mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a Tv[...] é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com ávida.(FISCHER, 2006 p.15)

A mídia hoje produz verdades(vontades de verdade), esta a serviço do poder, dispõe de técnicas para governar o sujeito, para guia-lo pelos seus caminhos. Supernanny produz um tipo bem determinado de sujeito, que obedece a normas, regras, seguindo a vontade de verdade desta época. Age não apenas no corpo dos indivíduos mais em suas almas, em suas condutas mais intimas, pois coloca o próprio sujeito para se governar, se vigiar.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O Dispositivo Pedagógico na Mídia**: modos de educar na (e pela) Tv. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: Fruir e pensar a Tv. Belo Horizonte, 3 ed. Autentica, 2006

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. (Ditos e Escritos)

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In: \_\_\_\_\_. Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003b, p. 203-222.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Discurso, História e a Produção de Identidades na Mídia**. In: Fonseca-Silva, Maria da Conceição e Possenti, Sírio (ORGS)- Mídia e Rede de Memória. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007.

PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago. **Práticas discursivas de subjetivação em contexto escolar**. Tese de doutorado. Araraquara: UNE0SP, 2005.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F. e HAK, T. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997a. p. 61-161.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROSE, Nikolas. **Como se deve fazer a história do eu? Educação & Realidade**. Políticas do global e das singularidades. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. v. 26, n. 1, jan/jun, 2001.